



Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

O Choque Das Perdas E O Controle Dos Danos Na Velhice: Uma Visão Psicanalítica Contemporânea

The Shock Of Loss And Damage Control In Old Age: A Contemporary Psychoanalytic Perspective

Renato Rodrigues Avelino – Engenheiro civil, pós-graduado em Psicanálise e Análise do Contemporâneo PUCRS engrenatoavelino@gmail.com lattes.cnpq.br/1095249293995944

Resumo

O envelhecimento contemporâneo impõe desafios ao psiquismo frente a múltiplas perdas. Este trabalho analisa a elaboração do luto, o choque das perdas e o controle de danos na subjetividade da velhice. Objetiva-se discutir os efeitos desses lutos na identidade e na clínica psicanalítica. A metodologia consiste em uma revisão bibliográfica abrangente. Fundamenta-se em autores como Freud, Klein e Winnicott. Os resultados indicam riscos de regressão a defesas arcaicas ante o sofrimento. Conclui-se que o luto permite a integração e a retomada dos investimentos libidinais.

Palavras-chave: envelhecimento; lutos; identidade; psicanálise.

Abstract

Contemporary aging presents challenges to the psyche in the face of multiple losses. This work analyzes the elaboration of grief, the shock of losses, and damage control in the subjectivity of old age. The aim is to discuss the effects of these losses on identity and in psychoanalytic practice. The methodology consists of a comprehensive literature review, based on authors such as Freud, Klein, and Winnicott. The results indicate risks of regression to archaic defenses in the face of suffering. It concludes that grief allows for integration and the resumption of libidinal investments.

Keywords: aging; mourning; identity; psychoanalysis.

1. Introdução

Este artigo examina os modos de enfrentamento do sofrimento psíquico decorrente das múltiplas exigências de elaboração das perdas e dos lutos a que o psiquismo do sujeito idoso é convocado na contemporaneidade. Inserido no processo inevitável de envelhecimento e atravessado por fragilizações narcísicas e do sentimento de continuidade do self, o sujeito se vê confrontado, de forma recorrente, com a necessidade de simbolizar e elaborar lutos de natureza social e simbólica, dentre os quais destacam-se as perdas da vitalidade, da autonomia física e financeira, da capacidade produtiva, dos lugares sociais anteriormente ocupados e dos vínculos significativos, incluindo pessoas queridas. Quando tais experiências de perda não encontram condições psíquicas e ambientais suficientes para serem elaboradas, o sujeito pode deslizar para formas de dependência emocional excessiva ou, em situações mais graves, para estados de retraimento libidinal e desistência da própria vida, ambos marcados por impasses na simbolização e na elaboração psíquica.

O estudo propõe uma investigação teórica cujo objetivo é discutir os efeitos dessas perdas na constituição identitária e nos processos de subjetivação do sujeito na velhice, buscando ampliar a compreensão das dinâmicas de reorganização psíquica próprias dessa etapa da vida. Pretende-se, ainda, refletir sobre a relevância da intervenção e da escuta clínica, à luz da psicanálise contemporânea, considerando a importância de um setting que favoreça a elaboração dos lutos e a retomada de investimentos libidinais possíveis.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

O trabalho visa igualmente contribuir para a ampliação do debate acerca das formas contemporâneas de vivenciar o envelhecimento e de suas repercussões nas experiências emocionais da chamada terceira idade, destacando os efeitos potencialmente desorganizadores quando tais vivências ocorrem em contextos marcados por precarização de vínculos, invisibilização social e enfraquecimento das redes de sustentação psíquica.

Ainda que de maneira breve, a temática foi abordada por Luis Cláudio Figueiredo ao longo das aulas do módulo *Psicanálise contemporânea e o estudo do inconsciente*, quando, ao discorrer sobre os adoecimentos psíquicos que atravessam o sujeito na atualidade, afirmou: “Nós temos perdas. Então, nós precisamos ser capazes de fazer o trabalho do luto para poder retomar a vida, retomar nossos investimentos, nossas esperanças, nossas apostas na vida, nas pessoas. Mas quando isso não pode ser feito vem a melancolia” (Figueiredo, 2023). Na mesma conferência, o palestrante destacou a complexidade e a plasticidade do funcionamento psíquico, ressaltando que a mente realiza operações que extrapolam os processos conscientes e inconscientes tradicionais. Ao referir-se a esse funcionamento, afirmou que “a mente saudável está sempre expandindo a sua capacidade de trabalhar, de sonhar, de fazer humor, de criar, de fazer o luto das coisas perdidas, sejam pessoas, sejam relações, sejam ideias” (Figueiredo, 2023).

Ao aprofundar essas questões no campo psicanalítico – descrito por Fernanda Canavez (2023), em sua palestra *Violência, ato e ausência de palavra*, como de frente ampla e com “muitas abordagens [...] muitas perspectivas, que são plurais, que são diferentes” –, o presente estudo busca oferecer subsídios à prática clínica e à promoção da saúde mental do idoso, bem como, em um cenário de envelhecimento populacional crescente (IBGE, 2022), contribuir para a construção de um olhar clínico mais sensível e contextualizado sobre essa fase da vida.

A análise aqui empreendida fundamenta-se no referencial da psicanálise contemporânea, da psicologia e do desenvolvimento humano, abrindo um diálogo com autores contemporâneos que abordam o envelhecimento, os processos de perda e a reconstrução da identidade na velhice. Destacam-se, sobremaneira, as contribuições de Sigmund Freud sobre luto e identificação, de Melanie Klein acerca dos mecanismos de estruturação da vida psíquica e de Donald Winnicott a respeito da influência do ambiente. Contribuem, da mesma forma, Roosevelt Cassorla a respeito do luto na adolescência, Luis Cláudio Figueiredo e Nelson Ernesto Coelho Junior acerca da estruturação do self e da simbolização e elaboração psíquica das perdas. Também são incorporadas reflexões de Figueiredo (2023), que destaca a importância do trabalho de luto para a retomada dos investimentos libidinais e da vida, e de Ana Suy (2023), que reforça a pluralidade de perspectiva teóricas no campo psicanalítico.

Para embasar a discussão, foi realizada uma revisão de literatura abrangente, contemplando artigos científicos, livros e conferências que abordam o impacto das perdas (corpo, papéis sociais,

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

vínculos) na identidade do idoso; processos de simbolização e resignificação das experiências de perda; o papel do olhar do outro (social, familiar, clínico) na subjetivação na velhice; as repercussões emocionais do envelhecimento em contextos de precarização de vínculos e enfraquecimento das redes de sustentação psíquica.

2 . Referencial Teórico

O envelhecimento, na perspectiva psicanalítica contemporânea, configura-se como um processo dinâmico de intenso trabalho psíquico diante da finitude. Como observa Mucida (2014), embora certos núcleos do desejo permaneçam relativamente estáveis ao longo da vida, o corpo envelhecido e o deslocamento do sujeito em seu lugar social impõem exigências de simbolização particularmente rigorosas. O idoso é convocado a elaborar perdas sucessivas e a resignificar sua posição no mundo, enfrentando a tensão entre a permanência do desejo e a fragilidade crescente do ego.

Nesse contexto, as matrizes do adoecimento psíquico no envelhecimento se articulam, sobretudo, em torno das ameaças de passivação e de morte do psiquismo, como apontam Figueiredo e Coelho Junior (2018). Exposto, o idoso se vê atravessado por lutos múltiplos – reais, como a morte de pares, e simbólicos, como a perda da produtividade, do reconhecimento e do prestígio social – que intensificam angústias primitivas e mobilizam defesas diversas. Em seu texto clássico, Freud (1917) destaca que o luto exige um árduo trabalho de desinvestimento libidinal do objeto perdido, permitindo que o sujeito possa, posteriormente, investir novamente na vida. Quando esse processo falha, abre-se espaço para a melancolia, na qual o esvaziamento não se dá no mundo externo, mas no próprio Eu, produzindo retraimento libidinal e, em situações extremas, uma espécie de desistência da vida.

Klein (1940) amplia essa compreensão ao enfatizar que elaborar o luto implica restaurar internamente objetos bons e reorganizar o mundo interno após a perda. A simbolização, aprofundada em seus escritos posteriores, Klein (1991), torna-se um eixo fundamental para que o sujeito possa transformar a dor em experiência psíquica elaborável. Winnicott (1990), por sua vez, destaca o papel decisivo do ambiente – interno e externo – na sustentação do self e na possibilidade de o sujeito realizar esse trabalho de luto sem colapsar. Quando o ambiente falha ou quando as perdas se acumulam de forma abrupta, o ego pode se ver ameaçado por experiências de desamparo e desintegração, mobilizando defesas para conter um excesso de excitação que, segundo Figueiredo e Coelho Junior (2018), pode conduzir à sensação de aniquilamento e passivação absoluta.

Observa-se, assim, que enquanto ao longo de outras etapas da vida o luto emerge a partir de perdas pontuais, na velhice ele se caracteriza principalmente pela intensidade e frequência de perdas cumulativas – simbólicas e sociais – da pessoa idosa, pela constatação da efemeridade da sua existência, pelo difícil relacionamento com a degradação de seu corpo e pela necessidade de sua

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

reorganização identitária face à redução da autonomia e de papéis sociais.

Nesse cenário, a clínica psicanalítica desempenha um papel fundamental, ofertando tanto uma escuta qualificada, sensível às singularidades do sujeito idoso, atendendo aos cuidados que a idade avançada requer – posto que, como afirma Suy (2023), em sua conferência *Psicopatologia e contemporaneidade*, “a maneira como a gente aborda o sentimento faz diferença na própria leitura do que é o sofrimento; a maneira como se entende o que é a vida faz diferença na leitura que a gente faz do que é a existência humana” – quanto um espaço simbólico receptivo para que ele possa expressar, elaborar e ressignificar suas perdas, reconstruindo o sentido de continuidade do self, essa “morada segura para o sujeito”, como define Figueiredo (2022). A psicanálise, ao acolher o sofrimento sem reduzi-lo, cria condições para que o idoso transforme o silêncio da depressão senil em palavra dirigida ao outro, recuperando sua capacidade de simbolizar e de se reconhecer como sujeito desejante.

A manutenção ou reconquista da saúde mental no envelhecimento, como enfatiza Figueiredo (2022), depende da capacidade da mente de expandir-se – de continuar trabalhando, sonhando e criando mesmo diante das perdas. A clínica contemporânea (2026) propõe, assim, um setting que funcione como suporte para a simbolização, combatendo a invisibilização social que fragiliza os vínculos do idoso. Enfim, a intervenção psicanalítica nesses casos busca a preservação da singularidade do sujeito, permitindo que ele encontre novos modos de existir, de investir e de narrar sua própria história, apesar das limitações impostas pelo avanço inexorável da idade e pela proximidade da finitude.

3 . Metodologia

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa de natureza teórico-reflexiva, fundamentada no método de revisão bibliográfica narrativa. O delineamento do estudo estrutura-se a partir da articulação entre a metapsicologia clássica e as contribuições da psicanálise contemporânea, visando sustentar a discussão sobre as matrizes de adoecimento e as estratégias de cura no envelhecimento.

Quanto aos materiais e sua análise, o levantamento bibliográfico foi realizado por meio de busca sistematizada em bases de dados científicas, priorizando produções publicadas entre 2005 e 2025, para garantir o diálogo com o estado da arte do tema. O corpo de análise foi selecionado mediante os seguintes critérios:

Obras seminais de Freud sobre o trabalho do luto e a melancolia, de Melanie Klein abordando a depressão, e de Winnicott enfatizando a força do ambiente.

Textos contemporâneos de Luís Claudio Figueiredo e Nelson Ernesto Coelho Junior (2018), com foco nas dinâmicas de passivação e nos modelos de subjetivação; falas e conferências recentes de expoentes da psicanálise como Roosevelt Cassorla, Figueiredo, Ana Suy e outros de igual

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

importância, com a literatura consolidada, proferidas ao longo do curso Psicanálise e Análise do Contemporâneo do rol da PUCRS, no ano de 2025.

Textos outros que versam sobre a clínica do envelhecimento e processos de simbolização na terceira idade, como o de Ângela Mucida, com enfoque na abordagem freudiana; o de Silvana Maria Escorsim oferece sua visão do envelhecimento no Brasil, e o de Cecília Galetti, Pedro de Alvarenga, Arthur de Andrade e Hermano Tavares avaliam a influência de jogos e substâncias na subjetividade dos idosos, e outros.

O estudo trilha a raia do rigor ético-intelectual, assegurando a correta atribuição de autoria e a fidedignidade na transcrição de conceitos fundamentais para a promoção da saúde mental e da dignidade no envelhecer.

4 . Resultados e Discussões

O envelhecimento acelerado da população brasileira pode ser comprovado por dados censitários do ano de 2022. Segundo estes, o Brasil abriga cerca de 32,1 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, o que corresponde a 15,6% do total de habitantes do seu território (IBGE, 2022). Quando comparamos com os 20,5 milhões de indivíduos identificados como idosos no censo demográfico oficial anterior, IBGE (2010), observamos um crescimento de 56,0% em apenas doze anos. Esses são números que, de modo inequívoco, projetam uma elevação significativa dessas taxas para os próximos anos. E, não é segredo para ninguém, isso ocorre graças ao avanço tecnocientífico da pesquisa e do desenvolvimento em campos tão variados quanto a genética, a neurociência, a engenharia de alimentos e de psicofármacos, dentre outros.

A despeito desse crescimento, porém, uma parte dessa população de idosos desfruta de uma qualidade de vida – aqui definida como a percepção subjetiva do indivíduo sobre sua posição na vida, considerando o contexto cultural e os sistemas de valores (WHOQOL GROUP, 1995 *apud* Fleck, 2000) – que os coloca em um elevado patamar de dependência do poder público no que concerne ao acesso prioritário à saúde e ao lazer, um direito garantido pelo Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2022). Já no âmbito específico da saúde mental, há estatísticas – alicerçadas pela Pesquisa Nacional de Saúde (IBGE, 2019) – que apontam que, em média, 14,5% dos idosos padecem de algum tipo de transtorno mental, majoritariamente ansiedade e depressão.

A corroborar tais dados e evidenciando a demanda de idosos por psicodiagnóstico clínico, Irani I. de Lima Agimon, Tatiana Quarti Irigaray e Murilo Ricardo Zibetti escrevem em seu texto *Psicodiagnóstico de idosos: principais quadros observados*, no livro *PSICO DIAGNÓSTICO*, organizado por Hutz, Bandeira, Trentini e Krug: “Nessa faixa etária, a manifestação do transtorno de ansiedade generalizada é marcada por presença de ansiedade, preocupações exageradas, medos

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

sociais e depressão” (Agimon; Irigaray; Zibetti, 2016, p. 251). Ainda nessa linha de observação, os mesmos autores sustentam que, no contexto terapêutico, a redução da autonomia para intervir nas questões familiares é frequentemente apontada como um fator gerador de angústia e preocupação.

À congruência de dados e observações expostos acima, acrescenta-se que boa parte da sociedade, em particular os idosos, é afetada por uma condição de vulnerabilidade social e econômica politicamente induzida – definida por Butler (2019) como precarização. Nesse mesmo patamar de análise, situamos Silvana Escorsim, para quem “na insuficiência de atendimento às condições essenciais à vida, a condição de penúria acentua o sofrimento físico e psíquico” (Escorsim, 2021, p. 434), o que exponencia outras possibilidades, mais comuns e generalizadas, de sofrimento ao sujeito, sobretudo àqueles idosos com relativa boa capacidade cognitiva. Ampliando o leque de observações, Agimon et al. (2016) destacam, como fatores que contribuem para o aumento da vulnerabilidade da saúde mental dos idosos, “estados emocionais decorrentes do luto pela perda do cônjuge e de amigos e pela quantidade aumentada de doenças físicas. Também pode-se verificar a redução geral das atividades devido à falta de planejamento e à desadaptação com a aposentadoria” (Agimon; Irigaray; Zibetti, 2016, p. 248).

A esse rol de acontecimentos, que orbitam e ameaçam a estabilidade emocional e afetiva do cotidiano desses adultos amadurecidos, com enfoque maior na considerável parcela acometida de transtornos depressivos, acrescentemos o que podemos chamar de epidemia de jogos de apostas ofertados on-line, que, embora aparentemente se prestem à recreação, podem levá-los à adição. Dessa forma, na busca por entretenimento, as pessoas idosas encontram, na internet, atividades que não só dilapidam o seu patrimônio financeiro, como também ajudam a deteriorar o seu já fragilizado e abalado arcabouço de emoções.

Em artigo publicado na *Revista de Psiquiatria Clínica* de São Paulo, Galetti et al. (2008) já alertavam: “O desenvolvimento de sintomas depressivos pode conduzir o idoso a uma maior suscetibilidade em envolver-se com atividades de jogos de azar que, eventualmente, pode evoluir para um padrão de jogo patológico” (Galetti et al., 2008, p. 40). Esse alerta, trazido para a atual conjuntura social (2026), em que grandes plataformas de jogos digitais massificam suas ofertas, toma dimensões bem mais graves, como revela o resultado da PNAD Contínua TIC (IBGE, 2024), divulgada pela Agência Brasil: “Entre as pessoas com mais de 60 anos, a proporção de quem usava a internet em 2023 ficou em 66% (22,5 milhões) [...] Em 2016, menos de um em cada quatro (24,7%) idosos acessava a rede.” A pesquisa também mostra que, dentre os idosos que têm acesso à internet, 86,5% informaram acessá-la todos os dias, dado que amplia sobremaneira a possibilidade de adição e de perdas: financeiras, sociais e de saúde.

Esses múltiplos e graves acontecimentos – que se sucedem de forma contínua e muitas vezes banalizada no cotidiano – elevam, de acordo com Figueiredo (2022), o grau de sofrimento e

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

adoecimento psíquico da mente do sujeito, em muitos casos interrompendo a sua capacidade de trabalho, em outros a destruindo completamente; indo além, alerta “Há situações adversas na vida, que podem criar uma verdadeira extinção; devasta-se a mente do sujeito, extingue-se a capacidade de realizar trabalhos” (Figueiredo, 2022).

Para esses idosos, a busca por tratamento no âmbito da psicanálise para adoecimentos decorrentes dos efeitos dessas perdas em sua constituição identitária e em seus processos de subjetivação – que poderá vir a ser uma cruzada pelo santo graal da sua reorganização e do bem-estar psíquico – exigirá a construção de um elaborado caminho terapêutico que, de certa forma, levará o indivíduo a adentrar as fronteiras do reino freudiano.

Edificar uma estrada, grosso modo, consiste em estabelecer um caminho cujo intuito é criar uma ligação viária entre dois ou mais pontos – o que exige, *avant tout*, um levantamento prévio do terreno a ser modificado, quiçá adaptado. Essa etapa visa trazer à luz os óbices a serem enfrentados no processo de operacionalização da empreitada. De modo análogo, Freud (1923/1996), ao conceber o funcionamento mental como uma estrutura composta por Id, Ego e Superego, articulados com os níveis consciente, pré-consciente e inconsciente, propôs um percurso gradual e sistemático para sua exploração. Assim como o engenheiro precisa mapear e remover barreiras para permitir a livre circulação viária, o analista deve investigar e enfrentar resistências e defesas que dificultam o acesso ao inconsciente, como enfatiza Freud (1914/1996).

Importante destacar que o progresso analítico, assim como o desenvolvimento de uma obra viária, não se dá de modo linear; há avanços e recuos diversos até que se chegue ao assentamento de um novo revestimento do pavimento, que, por fim, equivale à reconstrução de narrativas internas e ao fortalecimento do ego, processo descrito por (Freud, 1923/1996) como fundamental para a saúde psíquica.

Um salto temporal à contemporaneidade (2026) nos fará perceber que, embora o percurso terapêutico ainda se dê de modo similar ao descrito por Freud, a configuração do tratamento psicanalítico tem se complexificado. Sobre isso, o docente Nelson Coelho Jr (2022) destaca o surgimento de novas abordagens e conceitos ao longo de décadas de discussões e disputas entre a psicanálise e outras ciências; pontua ele em sua conferência *Figurabilidade, representação e contemporaneidade*: “O desenvolvimento da psicanálise, a partir de Freud, não se fez de uma forma muito consensual, fácil e simples; os embates são grandes, eles existem até hoje dentro e fora das instituições” (Coelho Jr., 2022). Por sua vez, ainda a acentuar a enorme gama de conceitos psicanalíticos paralelos, mas como a definir um ponto de fuga para eles, Suy (2023), proclama: “Não existe ‘a psicanálise’ como uma entidade própria, uma massa; a gente, também dentro do campo da psicanálise, vai encontrar muitas diferenças de perspectivas teóricas” (Suy, 2023). A propósito dessas novas abordagens, há que se evidenciar que, para Figueiredo e Coelho Jr (2018), o termo ‘saúde

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

psíquica' se estende a 'processos de saúde' cuja construção e manutenção enseja um processo contínuo e relacional com o outro, com o cultural, com o mundo, indo além do biológico, com a inclusão do social e do simbólico.

Em particular relação ao sujeito idoso, estamos muito longe e à frente do preconizado por Freud (1904), que, em sua época, não concebia o uso de tratamento psicanalítico em pacientes cuja idade fosse próxima ou superior a 50 anos, por considerá-los tanto desprovidos de elasticidade dos processos mentais quanto sobrecarregados de material para análise, motivos que em sua visão estenderiam o tratamento *ad infinitum*. (Freud, 1904/1996)

Com efeito, à parte a conceituação de que “o envelhecimento reflete o modo como se viveu da infância à vida adulta” (Escorsim, 2021, p. 434), em se tratando de sobrecarga emocional, não se chega à velhice impunemente; contudo, observações criteriosas levam autores como Antonio Carlos Scherer Marques da Rosa e Maria Cristina Garcia Vasconcellos a avaliar que “Se considerarmos o desenvolvimento psicológico como um processo contínuo, segundo o qual o indivíduo tem que se adaptar constantemente às demandas internas e externas, teremos maior possibilidade de compreender o funcionamento psíquico na velhice” (Marques da Rosa; Vasconcellos, 2015, p. 781). No rastro dessa observação, podemos considerar, conforme Freud (1917/1996), como demandas internas relevantes para este artigo, o trabalho de luto – entendido como o processo de elaboração da perda, aceitação da realidade e redistribuição da libido para novos objetos – e como externas, o envelhecimento, a perda de status e a morte de pessoas próximas, entre outras.

Para o sujeito que almeja alcançar a velhice, porém, o trajeto é longo e permeado por ansiedades e perdas, o que amplia para ele as possibilidades de experiências de luto.

Partindo do início, portanto, Cassorla (2021), em seu texto *Teorias e motivações dos atos suicidas*, busca nos ensinamentos de Melaine Klein fundamentação para o surgimento das ansiedades de aniquilamento na posição esquizoparanóide, e, a discorrer sobre as fases de desenvolvimento do bebê e a mudança desses mecanismos, conclui: “Na posição depressiva, se toma consciência da triangularidade, com a frustração de perceber que o objeto tem vida própria e se relaciona com outros objetos. A mente passa a ser absorvida por processos de luto que somente serão possíveis se existir um objeto bom internalizado” (Cassorla, 2021, p. 144-145). Winnicott (1990), por sua vez, enfatiza que a constituição de um self suficientemente integrado é uma condição indispensável para a vivência do luto; para isso, contudo, é essencial que um ambiente facilitador sustente o bebê em seus primeiros movimentos de separação. É plausível, pois, afirmar que o primeiro contato do ser humano com a possibilidade do luto, em sua forma simbólica, se dá ainda nos primórdios de sua existência.

Dando, pois, sequência à trajetória psíquica do sujeito, e ampliando a compreensão do desenvolvimento mental para além da infância, Klein (1946/1991) propõe que as posições esquizoparanóide e depressiva não devem ser vistas apenas como etapas evolutivas restritas à

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

infância, mas sim como configurações da mente que permanecem e oscilam ao longo de toda a vida adulta, podendo ser reativadas em situações de perda e frustração. Autores contemporâneos, como Figueiredo (2022), aplicam essa perspectiva ao envelhecimento, sugerindo que tais posições emergem especialmente quando o idoso se depara com frustrações decorrentes de triangularizações familiares, conflitos relacionais e perdas de vínculos significativos, frequentemente associadas a processos de luto.

Essa perspectiva é corroborada pelas observações de Cassorla (2023), que, na conferência *O adolecer na contemporaneidade*, destaca que “a perda do corpo infantil representa o primeiro grande processo de luto enfrentado pelo sujeito na adolescência”. Um marco, portanto, a partir do qual outros processos de luto se sucedem, exigindo do sujeito uma elaboração psíquica contínua. O modo como ele vivencia esses lutos, porém, depende da singularidade de sua história e da forma como seus objetos foram internalizados. Em relação a isso, Marta Rezende Cardoso, em sua palestra *A escuta dos excessos*, conferindo importância à complexidade da temporalidade psíquica para a compreensão das experiências vividas, destaca que “o infantil é uma categoria que marca a vida psíquica [...] o infantil como determinação na vida subjetiva, e não como um tempo vivido que, evidentemente, passa” (Cardoso, 2023).

Dessa forma, diante de perdas significativas na velhice e processos de luto, o idoso pode vir a experimentar uma regressão a modos mais primitivos de funcionamento psíquico, aproximando-se da posição esquizoparanóide. Acentue-se que não se trata de um processo de “infantilização”, mas de um retorno temporário a formas arcaicas de defesa quando o ego está sobrecarregado e tende a recorrer a defesas como a cisão – que divide o mundo em objetos totalmente bons ou totalmente maus – e a projeção, como forma de manejar angústias intensas, especialmente aquelas ligadas ao medo de aniquilação (Klein, 1946/1991).

Contudo, o mesmo aparelho psíquico que pode se ver pressionado a esses modos arcaicos de defesa também dispõe de caminhos para a integração e a reparação. A posição depressiva na idade adulta é, pois, alcançada quando o sujeito consegue integrar o objeto, ou seja, perceber que a mesma pessoa ou situação que frustra também oferece satisfação, e assim suportar a culpa e o luto. Como mencionei na introdução, a capacidade de “fazer o luto” (Figueiredo, 2022) é o que permite ao adulto retomar seus investimentos libidinais.

Em adendo, a confirmar, pois, a abordagem a que este trabalho se propõe, é importante observar a questão da contemporaneidade, definida por Agamben (2009, p. 59) como “uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distância”. Nesse aspecto, entendo como óbvio e essencial para elaboração do luto, por parte do sujeito idoso, considerar o seu distanciamento do presente para também encarar o passado.

Por esse prisma, ao dissertar sobre a importância da temporalidade psíquica, “um tempo que

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

se repete [...], que tem esse fluxo mais especial onde nada desaparece, mas tudo é ressignificado”, Marta Cardoso (2023) destaca a necessidade de ressignificação desses vividos – desejos e traumas armazenados no inconsciente, que não envelhecem nem perdem força com o passar dos anos –, o que, para ela, é possível não apenas dando uma nova destinação ao que se vivenciou em uma história anterior, mas também a partir de uma renovação de estímulos, encontros e pensamentos.

Por fim, a contemplar o horizonte do tratamento, Luis Cláudio Figueiredo aponta em sua obra, *A mente do analista*, que, a despeito das diferentes formas de adoecimentos psíquicos, algo que não muda na abordagem psicanalítica é “o trabalho de atração de investimentos libidinais e agressivos, e de elaboração, liberação e potencialização dos trabalhos psíquicos no rumo dos processos de representação e simbolização, o que requer um ambiente adequado – algum enquadre” (Figueiredo, 2025, p. 77). Quanto à instalação e à sustentação da condição analisante, segundo o autor, estas exigem a aceitação de nossa natureza híbrida, entre o infantil e o adulto, o consciente e o inconsciente. É essa combinação paradoxal que permite ao sujeito potencializar o que o autor denomina como os “trabalhos do sonho, trabalhos do luto, trabalhos do humor e da criação, trabalhos do morrer” (Figueiredo, 2025, p. 123).

Assim, retomando o que foi discutido ao longo deste breve estudo, ao confrontar o processo de envelhecimento, o desafio clínico é auxiliar o idoso a sair do retraimento – que é a defesa paranoide contra a dor – para a reparação ou integração depressiva; é também recuperar a disposição de simbolizar, de se relacionar e de ressignificar. Essa reorganização psíquica nessa altura da vida não é um processo automático, mas uma construção ativa que envolve trabalho de luto e reinvestimento libidinal, permitindo que a “mente saudável continue expandindo” (Aula 02, PUCRS); em outras palavras, restaurar a capacidade de ampliar o campo de possibilidades do sujeito.

5. Considerações Finais

O envelhecimento – descrito como um processo marcado por perdas múltiplas e significativas – impõe ao sujeito contemporâneo (2026) uma reconfiguração constante de sua identidade. Essas perdas, da vitalidade do corpo, de oportunidades e dos vínculos sociais, dentre outras, não apenas alteram a realidade externa, mas atravessam o campo psíquico, provocando deslocamentos na narrativa subjetiva e na forma como o sujeito se reconhece e se posiciona no mundo. Assim, a velhice se apresenta como um momento singular de ressignificação, onde o sujeito é convocado a revisitar suas identificações e a elaborar novas formas de subjetivação diante do real de suas perdas.

Apenas para compararmos a evolução desse momento ao longo de quase vinte e um séculos, ousamos destacar a obra clássica de Marco Túlio Cícero sobre a velhice (44 a.C.), na qual esta é apresentada como uma fase de plena serenidade e desprovida de conflitos passionais. Bem diferente,

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

portanto, do contexto atual – visto através das lentes da psicanálise e da subjetividade contemporânea –, em que o sujeito idoso vivencia o envelhecer sob novas e várias tensões.

São tensões que – como buscamos descrever nesta pesquisa – não isentam o idoso de dor, pois os ensinamentos de Freud (1917/1996) nos mostram que o envelhecer lhe impõe um persistente trabalho de luto perante as perdas de objetos e ideais, exigindo que o seu ego retire a libido do objeto perdido para a ela dar nova destinação. Sem esse processo de elaboração, Klein (1990) sustenta que tais perdas, se significativas, podem ativar angústias primitivas ligadas à separação e dependência, o que favorece o surgimento de estados melancólicos ou depressivos.

Indicando o rumo para elaboração, Figueiredo e Coelho Junior (2018) apontam que os processos de adoecimento ou saúde dependem das estratégias do sujeito para lidar com as rupturas do campo clínico e existencial, sublinhando a necessidade de se integrar as perdas para que a subjetividade não paralise diante do vazio. Dito de outro maneira, se trata de elaborar esses lutos de modo a transformar dor em experiência de integração, evitando a melancolia. Figueiredo (2022) alerta, porém, para as situações em que adoecimentos psíquicos ocorrem e levam a interrupções graves na capacidade de trabalho do sujeito, estes, oriundos não apenas das angústias e tentativas de defesas, mas também das paralisias que delas decorrem. Para ele, casos assim requerem uma estratégia psicanalítica de revitalização, que – longe de ser uma simples ‘injeção de ânimo’, ou, em suas palavras, “uma prótese de animação” – se trata de oferecer ao sujeito uma nova oportunidade na vida; diz o docente: “o trabalho de análise vai ter que ser, entre outras coisas, [...] o de vitalizar, [...] reconstituir, digamos assim, um ambiente suficientemente favorável, convidativo, de sustentação e continência” (Figueiredo, 2022).

Ressalta-se mais uma vez, assim, que a escuta clínica, à luz da psicanálise, torna-se imprescindível nesse processo; e isso não é algo novo. Freud (1917/1996), ao tratar do luto e da melancolia, destaca que a elaboração das perdas é condição para que novos investimentos se tornem possíveis. Figueiredo e Coelho Jr. (2018) reforçam que a clínica contemporânea deve oferecer um espaço ético e estético, capaz de acolher o sofrimento e transformá-lo em oportunidade de criação, favorecendo a tomada de consciência das defesas e hábitos cristalizados.

Portanto, a reorganização psíquica – essencial para uma saudável elaboração de perdas na velhice – envolve aceitar perdas sem sucumbir à desorganização, ressignificar papéis e identidade, e reinventar investimentos libidinais.

Faz-se mister ressaltar que o conteúdo desenvolvido nesta análise não é autossuficiente. Dado que o avanço das pesquisas e a curiosidade humana estão intrinsicamente associados, este é apenas um dos muitos caminhos a serem seguidos, quando se trata de identificar e apontar causas e soluções para a questão do choque das perdas e o controle dos danos na velhice. Sobre o sujeito idoso, há ainda muito o que apreender a respeito das suas dinâmicas de reorganização psíquica, e mais ainda a discutir

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

sobre os efeitos das perdas em sua constituição identitária e nos seus processos de subjetivação.

No futuro, à medida que o processo civilizatório avance, e a depender dos efeitos que o “o mal-estar da vez” cause à subjetividade daquele que envelhece – apertando ainda mais os laços da repressão aos seus instintos, potencializando os conflitos entre ele e a sociedade que o deveria acolher, aumentando o seu sofrimento –, possa este artigo contribuir tanto para a ampliação do debate sobre as formas contemporâneas de vivenciar as perdas e suas repercussões emocionais na terceira idade quanto para a redução da expectativa de incerteza que paira no horizonte do envelhecimento. Finalizo, citando a provocação de Nietzsche (2009, p.110): “É provável que também nós teremos ainda nossas virtudes, embora naturalmente não serão aquelas ingênuas, inteiriças virtudes pelas quais temos em alta estima, mas também um pouco à distância, os nossos avós”.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. 92 p

AGIMON, Irani I. de Lima; IRIGARAY, Tatiana Quarti; ZIBETTI, Murilo Ricardo. Psicodiagnóstico de idosos: O paciente e as demandas do psicodiagnóstico clínico. *In*: HUTZ, Claudio Simon; BANDEIRA, Denise Ruschel; TRENTINI, Clarissa M.; KRUG, Jefferson Silva. (org.). **Psico Diagnóstico**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 248-249.

AGIMON, Irani I. de Lima; IRIGARAY, Tatiana Quarti; ZIBETTI, Murilo Ricardo. Psicodiagnóstico de idosos: Principais quadros observados. *In*: HUTZ, Claudio Simon; BANDEIRA, Denise Ruschel; TRENTINI, Clarissa M.; KRUG, Jefferson Silva. (org.). **Psico Diagnóstico**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 249-251.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o **Estatuto da Pessoa Idosa** e dá outras providências. Redação dada pela Lei nº 14.423, de 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 9 jan. 2026.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CANAVEZ, Fernanda. **Violência, ato e ausência de palavra**, Aula 01, Parte 1. Porto Alegre: PUCRS; São Paulo: UOL, 2023. 1 vídeo (38 min 48 s). Disponível em: salavirtual.pucrs.br.

CARDOSO, Marta Rezende. **A escuta dos excessos**, Aula 01, Parte 1. Porto Alegre: PUCRS; São Paulo: UOL, 2023. 1 vídeo (47min 53 s). Disponível em: salavirtual.pucrs.br.

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **Adolescer na contemporaneidade**, Aula 01, Parte 2. Porto Alegre: PUCRS; São Paulo: UOL, 2023. 1 vídeo (46 min 07 s). Disponível em: salavirtual.pucrs.br.



Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **Adolescer na contemporaneidade**, Aula 02, Parte 1. Porto Alegre: PUCRS; São Paulo: UOL, 2023. 1 vídeo (55 min 28 s). Disponível em: salavirtual.pucrs.br.

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. Teorias e motivações dos atos suicidas. *In*: CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **Estudos sobre o suicídio**: psicanálise e saúde mental. São Paulo: Blucher, 2021. p. 139-153.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2007. (Obra original escrita em 44 a.C.).

COELHO JR., Nelson Ernesto. **Figurabilidade, representação e contemporaneidade**, Aula 01, Parte 2. Porto Alegre: PUCRS; São Paulo: UOL, 2022. 1 vídeo (37 min 08 s). Disponível em: salavirtual.pucrs.br.

ESCORSIM, Silvana Maria. O envelhecimento no Brasil: aspectos sociais, políticos e demográficos em análise. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 142, p. 427-446, set./dez. 2021.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **A mente do analista**. 4. ed. São Paulo: Escuta, 2025.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Psicanálise contemporânea e o estudo do inconsciente**: Aula 02, Parte 2. Porto Alegre: PUCRS; São Paulo: UOL, 2022. 1 vídeo (40 min 21 s). Disponível em: salavirtual.pucrs.br.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Psicanálise contemporânea e o estudo do inconsciente**: Aula 02, Parte 3. Porto Alegre: PUCRS; São Paulo: UOL, 2022. 1 vídeo (36 min 13 s). Disponível em: salavirtual.pucrs.br.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Psicanálise contemporânea e o estudo do inconsciente**: Aula 02, Parte 4. Porto Alegre: PUCRS; São Paulo: UOL, 2022. 1 vídeo (33 min 02 s). Disponível em: salavirtual.pucrs.br.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. **Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura**: matrizes e modelos em psicanálise. São Paulo: Blucher, 2018.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. De “Inibição, sintoma e angústia” ao pensamento kleiniano e aos psicólogos do ego. *In*: FIGUEIREDO, Luís Claudio; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. **Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura**: matrizes e modelos em psicanálise. São Paulo: Blucher, 2018. p. 65-67.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. **Ética e técnica na clínica psicanalítica**. São Paulo: Escuta, 2018.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 33-38, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100004>. Acesso em 18 jan. 2026.



Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026**

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 16. p. 13-66.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12. p. 147-156.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicoterapia (1904). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7. p. 125-134.

GALETTI, C. et al. Jogos de azar e uso de substâncias em idosos: uma revisão da literatura. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 35, supl. 1, p. 39-43, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/> . Acesso em: 22 dez. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua 2022**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/pnad> . Acesso em: 21 dez. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saúde 2019**: percepção do estado de saúde, estilos de vida e doenças crônicas. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude.html> . Acesso em: 19 dez. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua TIC 2023**: uso da internet e celular no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/40367-pnad-continua-tic-2023-uso-da-internet-e-celular-no-brasil> . Acesso em: 21 dez. 2025.

KLEIN, Melanie. Luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos (1940). In: KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEIN, Melanie. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1946). In: KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1975). Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARQUES DA ROSA, Antonio Carlos Scherer; VASCONCELLOS, Maria Cristina Garcia. Abordagem psicodinâmica do paciente idoso. In: EIZIRIK, Cláudio Laks; AGUIAR, Rogério Wolf



Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/03/2026 | aceito: 16/03/2026 | publicação: 18/03/2026
de; SCHESTATSY, Sidnei S. (org.). **Psicoterapia de orientação analítica**: fundamentos teóricos e clínicos. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 781.

MUCIDA, Angela. **Atendimento psicanalítico do idoso**. São Paulo: Zagodoni, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

SUY, Ana. **Psicopatologia e contemporaneidade**, Aula 01, Parte 1. Porto Alegre: PUCRS; São Paulo: UOL, 2023. 1 vídeo (41 min 11 s). Disponível em: salavirtual.pucrs.br.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Cláudio Primo Delanoy, por sua eficiente, prestativa e valorosa orientação.